

Os outros da Bíblia

*Fernando Batista de Campos*¹
*Pablo Rangel Cardoso da Costa Souza*²

REINKE, André Daniel. *Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. 352 p.

A introdução de *Os outros da Bíblia* põe em perspectiva a busca dos mais antigos povos pelo irracional, pelas verdades não explicadas pela razão. O sagrado embora possa ser parcialmente compreendido pelo racional, na verdade envolve noções que vão além da capacidade intelectual, entrando na esfera do sentimento, assim associando o irracional com o sagrado. O sagrado, segundo Rudolf Otto, traz os sentimentos de transcendência, de mistério, de temor e de fascínio. O sagrado traz consigo, de forma direta ou indireta, a divergência entre bem e do mal, entre o sagrado e o profano. Assim se dimensiona a ligação entre religião e cultura, onde vemos a religião, vinda do sagrado, como principal aspecto formador da cultura, mas também a separa das culturas que vieram a se multiplicar no decorrer dos tempos. Essa multiplicação mostra como ocorreu o contato entre esses povos: mesopotâmicos, egípcios, cananeus, persas, gregos e romanos, todos mencionados na Bíblia e que entraram em contato com o povo bíblico, com suas divergências e convergências, conflitos, acontecimentos, semelhanças e demais fatores decorrentes dos contatos de diferentes religiões e culturas.

Em cada religião nos deparamos com uma certa ambiguidade: a beleza de suas crenças, como a criação, adorações, templos, uma lei divina seguida pelos fiéis com um propósito divino para a vida dos tais. Concomitantemente, traz consigo a queda, o pecado, o imoral, os atos condenatórios, as limitações postas e como também os castigos impostos pela crença.

¹ Doutorando em Teologia pela Faculdades EST em São Leopoldo-RS .

² Doutorando em Teologia pela Faculdades EST em São Leopoldo-RS.

Essa ambiguidade que regia o cotidiano de cada povo instruía-os através de tais costumes vindos de cada crença.

Ressalta-se aqui os termos usados pelo autor ao se referir ao povo bíblico: *Hebreus*, povo bíblico descendente de Abraão; *Israelitas*, tribos pertencentes a Israel e; *Judeus*, tratando se apenas da tribo de Judá. Passemos ao resumo do contato desses povos com o povo bíblico e seus fascinantes aspectos.

• **Mesopotâmicos**

O contexto do relacionamento entre os Mesopotâmicos e Hebreus vem diretamente com Abraão, pois o mesmo viveu na Mesopotâmia e deu início a sua história como principal Patriarca bíblico e a cultura do povo dos Hebreus, produzida com o contato de outras culturas, onde se deparam com pontos de convergência e semelhanças, como a divisão do calendário usado na época e na composição monárquica com os templos, com a atividade sacerdotal, que tinham como diferença o vínculo entre tais, havendo no povo hebreu uma separação em relação as funções e sistemática onde na cultura mesopotâmica havia um vínculo mais direto.

Uma importante semelhança entre essas duas culturas está em suas percepções pelo sagrado e seus locais sagrados, em relação a percepção de que o divino como trindade funciona melhor e isso é algo que se propagou em outras diversas culturas, egípcia por exemplo. Agora em relação aos locais sagrados vemos uma busca mutua pelas montanhas, a percepção humana de sacralidade que o sagrado se encontra acima deles. Indica-se a leitura da famosa epopeia de Gilgamesh.

• **Os Egípcios**

O povo egípcio foi responsável pela criação de uma cultura milenar, havia uma divisão de doze tribos e uma relação muito próxima com os Hebreus. O reino egípcio existiu devido ao rio Nilo que proporcionava uma vasta riqueza de nutrientes em suas águas, o mesmo era

muito rico em argila, que era muito utilizado pelos egípcios em suas cerâmicas.

O Egito tornou-se um reino unificado de forma muito rápida e grande parte de suas construções era mausoléus para os faraós. Para o povo egípcio a religião e a mitologia jamais apareceram como dogma estabelecido. Os seus deuses eram representados na forma de adultos ou até mesmo de crianças.

No século XIV o faraó proibiu culto a outros deuses a não ser o deus Aton, já que a religião e a política estavam ligadas ao faraó. Eles tinham três ideias de vida pós à morte; múmia ressuscitada dentro da própria tumba, o morto encontraria destino junto às estrelas, vida no mundo dos mortos de Osíris. A divindade como tríade aparece novamente no Egito na relação do divino com a natureza, como por exemplo, o fato do templo de Salomão ter sua entrada virada ao nascer do sol como os templos egípcios, como também um local no interior chamado santo dos santos que podemos relacionar com a composição do tabernáculo hebreu.

Um ponto discordante era a questão sacrificial. Os sacrifícios egípcios tinham a função e alimentar os seus deuses numa forma de compensação, para que eles controlassem o caos no mundo, ideia que para os hebreus não tinha fundamento.

Duas perspectivas aparecem em uma análise mais profunda da cultura egípcia, mostrando o quanto o poder do Egito influenciou Israel. O autor deixa claro isso com a história vivida entre esses povos, tendo o Egito como herói através da história de José e como vilão na história que conhecemos como o Êxodo.

• Os Cananeus

A relação entre Cananeus e os Hebreus foi uma relação tão próxima a ponto de considerar Israel e Judá reinos oriundos. O principal personagem Cananeu foi Melquisedec, um possuidor da revelação de Deus. Geograficamente eram muito limitados, mas suas terras eram de grande fertilidade, e seu forte eram hortaliças, vinhas e oliveiras. Mas não se desenvolviam porque era um povo muito frágil, havia muitas brigas entre eles em disputas do trono. O que movimentava a cidade era o mercado fenício, que tinha como principal matéria prima o vidro e a púrpura.

Outra característica importante era a náutica fenícia, que se destacava em oferecer os melhores marinheiros. Dentro de Canaã havia outros povos, os Amalaquitas, Midianitas, Moabitas e Edom. Os Cananeus tiveram grande importância na alfabetização dos Hebreus, pois os Cananeus ajudaram na alfabetização.

Nenhum outro grupo cultural teve tanto contato com os hebreus quanto os cananeus. Eles foram apresentados pela Bíblia como aqueles que transformaram a fé e a percepção do sagrado em algo abominável, chegando ao extremo de praticarem o sacrifício infantil. Mas ao mesmo tempo houve a relação do termo divino *El*.

• Os Persas

Em relação a um dos maiores impérios já presentes no mundo antigo, os Persas tiveram notória participação cultural de maneira geral e especificamente clara com o povo bíblico. Assim como todos os contatos do povo bíblico com os povos citados, a cultura persa também trouxe pontos convergentes e divergentes, mas ressalta-se aqui a tolerância diferencial que os Persas tiveram com os judeus em seus contatos em pontos como o zoroastrismo e o judaísmo.

A civilização persa era composta por pastores nômades que construíram o maior Império já visto no mundo, sua religião era monoteísta e influenciou a compreensão sobre o sagrado até os dias atuais. Os persas influenciaram o judaísmo em sua compreensão sobre o mundo espiritual, especialmente no que se refere a anjos e demônios, pois acreditavam na vinda de um salvador escatológico.

A civilização persa se estabeleceu na região do crescente fértil. Em sua cultura material a utilização de carruagens e cavaleiros se destacavam. O seu modo de vida era agropastoril. As três classes da sociedade persa era o guerreiro, o camponês e o sacerdote. O valor da sua sociedade está na maneira de como articular as culturas combinando elementos na arquitetura e respeitando as especificidades locais e não interferindo naquilo que era caro aos conquistados no sentido religioso.

As convergências do Judaísmo com a religião persa são várias, sendo uma delas o monoteísmo, que na religião persa se deu através de

pregações do Profeta Zaratustra. Deus era Ahura-Mazda. Zaratustra também apresentou uma oposição ontológica dualista de bem e mal. Nesta afirmação o mal não têm existência própria, ele é um parasita do bem. O mal entrou no mundo pelo livre-arbítrio das criaturas. A influência da cultura persa, do zoroastrismo sobre as crenças judaicas e cristãs perpassa o Novo Testamento e alcança o debate com a teologia cristã, funcionando como ponte entre os Mundos Oriental e Ocidental.

• Os gregos e os Romanos³

Os gregos influenciaram intensamente o nascente cristianismo, tanto em suas semelhanças e diferenças. É de suma importância notar a disparidade que ocorre nessa época do Antigo ao Novo Testamento sendo essa marcada pela cultura dos gregos com a chegada dos impérios helenistas e, posteriormente, o romano, herdeiros da *Cultura Clássica*. O autor apresenta deixo a questão religiosa em segundo plano e prevalece a questão política e do contato que tiveram, para apresentar de melhor forma o cotidiano da cultura romana com o palco da história de Jesus Cristo.

No contato entre culturas diversas com o povo bíblico, “os outros”, o influenciaram de intensa forma, uns mais, outros menos, alguns de forma mais direta e outra indireta, mas é certo concluir que a diversidade cultural e o contato com esta diversidade trouxe uma edificação para a fé do povo de Deus e sua evolução ao Cristianismo. O autor mostra como esses contatos sempre foram um desafio para o povo de Deus e também deixa claro, como uma contundente observação, o contraste cultural religioso também presente no nosso dia a dia, com suas diversas características.

³ Grande parte do texto foi dedicada aos pontos de contato dos gregos e romanos com os Judeus e o nascente cristianismo (cf. p. 272). Propositadamente fizemos apenas acenos para que fique claro a relevância de ler sobre a interculturalidade destes ‘outros’ com os judeu-cristãos.